

PF lança 4.^a-feira ação na fronteira com Colômbia

Operação mobilizará 200 agentes contra infiltração de traficantes e rebeldes na Amazônia

CHICO ARAÚJO
 Enviado especial

BASE ANZOL, Amazonas - A Polícia Federal vai deflagrar na quarta-feira uma megaoperação de vigilância da Amazônia. Cerca de 200 agentes vão ser utilizados na operação, que contará com o apoio das Forças Armadas e será desenvolvida ao longo dos 1.500 quilômetros de fronteira com a Colômbia. A área conhecida como "Cabeça do Cachorro", no noroeste do Estado do Amazonas, será o principal alvo da ação policial. A preocupação da PF com a região é porque a 40 quilômetros dali está o povoado colombiano de Vaupés. Na região, segundo informações da PF, o grupo guerrilheiro Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) está recrutando jovens para ingressar em suas milícias.

A Operação Cobra (sigla de Colômbia e Brasil), preparada desde janeiro, será lançada pelo o ministro da Justiça, José Gregori, e o diretor-geral da PF, Agílio Monteiro Filho. O lançamento deve ocorrer na Base Anzol - uma balsa equipada com duas lanchas voadeiras da Polícia Federal, às margens do Rio Solimões, que fiscaliza a entrada e saída de todos os barcos do território brasileiro. A base fica a duas horas de Tabatinga (AM), localizada na fronteira com o Peru e a Colômbia.

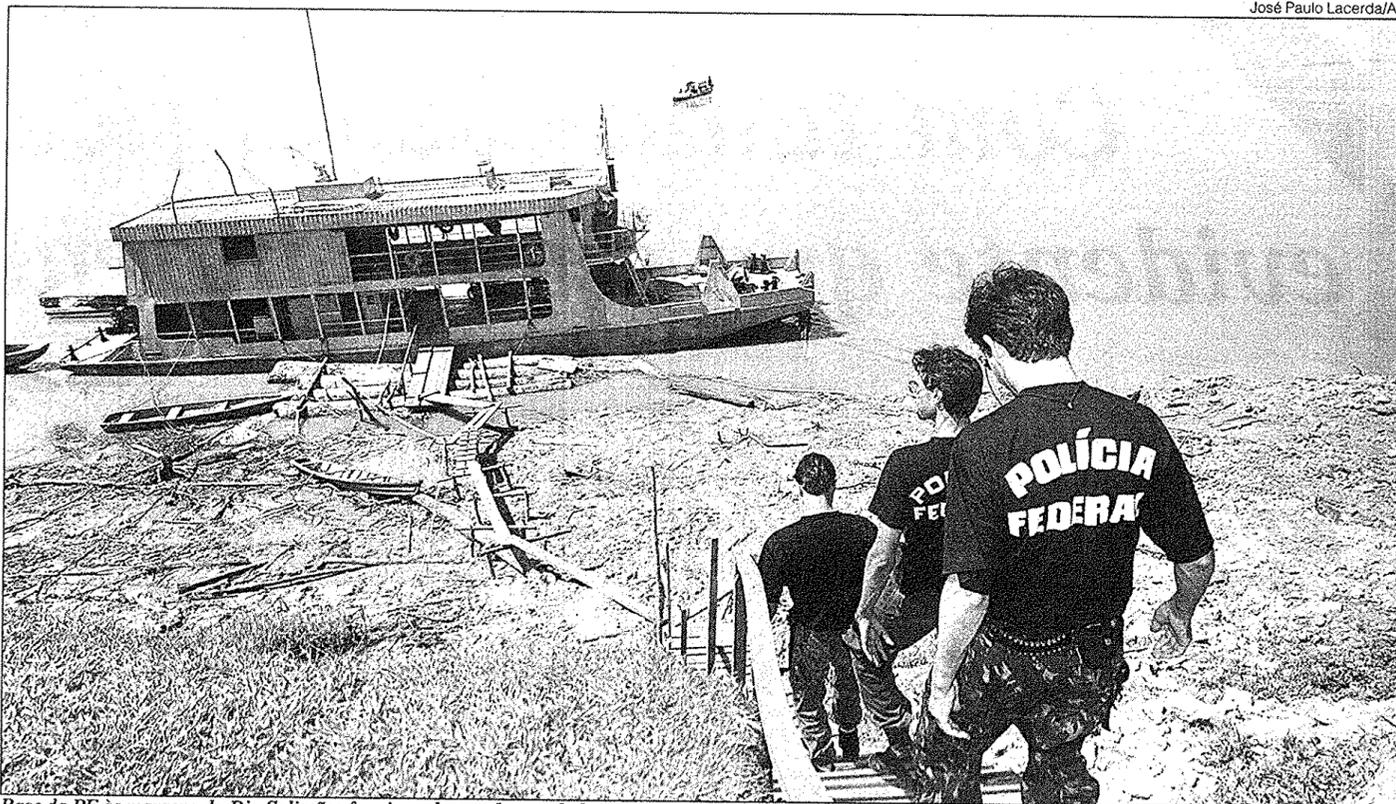
O objetivo da ação é evitar a possível entrada no País de traficantes e guerrilheiros, que podem ser expulsos do território colombiano com o início das ações do Plano Colômbia, programa de combate ao narcotráfico, com o apoio dos EUA. O governo brasileiro teme, com a execução do plano, a migração de grupos guerrilheiros colombianos e o avanço do tráfico na Amazônia. Em toda a Amazônia, a PF tem 1.035 policiais fixos (distribuídos no Maranhão, Pará, Amazonas, Amapá, Roraima, Rondônia e Acre), mas a idéia é triplicar esse efetivo.

Na ação policial, a PF ocupará todas as guarnições do Exército, que dará apoio logístico à operação. O maior contingente deve ficar nos pelotões de fronteira de Pari-Cachoeira, Yauaraté, Querari, São Joaquim, Tunui, Cucuí e Maturacá, todos na Cabeça do Cachorro, onde o Exército tem cerca de 500 militares. Em toda a área de fronteira com a Colômbia são 2,3 mil militares fixos, segundo o chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, general Jorge Bandeira. "O Exército apoiará a operação em tudo que for necessário", explica ele. Em Manaus, o Exército tem um grupamento de aviação com helicópteros de combate, que poderão ser utilizados.

O efetivo total militar é de 22 mil homens na Amazônia. Bandeira descarta, por enquanto, a necessidade de aumento do efetivo militar na área, mas avisa: "Se necessário, poderemos deslocar mais homens para a fronteira." Os pelotões fazem rotineiramente o patrulhamento na área. Nessas ações, o Exército ainda não detectou a entrada de guerrilheiros das Farc, mas tem constatado um aumento do tráfico de drogas.

Recentemente, o Exército realizou uma operação, com 5 mil homens, na área da Cabeça do Cachorro. Por conta desse trabalho, Bandeira acredita que as Farc não deverão cruzar a fronteira. "Se fizerem isso, eles (os guerrilheiros) ficarão sitiados entre os Exércitos brasileiro e colombiano", destaca.

Ao longo da fronteira, a PF montou sete bases, capazes de detectar em tempo hábil a entrada de guerrilheiros e o aumento do narcotráfico. "Nossa preocupação é evitar que guerrilheiros e traficantes entrem em nosso território", explica o coordenador da Unidade de Projetos Especiais da PF na Amazônia, Mauro Spósito. A ação da inteligência, segundo ele, é fundamental para o sucesso da Operação Cobra. Até o fim do ano, a PF deve triplicar seu policiamento para enfrentar os reflexos da ação militar da Colômbia de seu lado da fronteira.



Base da PF às margens do Rio Solimões funciona dentro de uma balsa e conta com radar, equipamento de comunicação, armamento pesado e duas velozes lanchas

Grupo armado tem atacado e matado índios e pescadores

Representante da Funai suspeita que bando seja formado por rebeldes e traficantes

CAFEZAL, Amazonas - Um grupo de homens de caras pintadas e armados com fuzis e metralhadoras, supostamente membros da guerrilha colombiana, vem assaltando e matando índios ticunas, além de pescadores que passam pelo Rio Solimões.

Nos últimos três meses, quatro ticunas foram assassinados por esse grupo e tiveram suas cabeças decepadas. Os índios ticunas são mais de 35 mil no Estado do Amazonas. Um barco peruano, com 5 toneladas de pescado, também foi atacado.

A ação do grupo, até agora não identificado, foi revelada ao Estado pelo chefe do posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Cafezal, Davi Félix Ticuna, que já comunicou o fato à Polícia Federal em Tabatinga. Segundo o índio, o grupo armado - que Félix suspeita ser formado por guerrilheiros e traficantes - atua nas proximidades da Ilha Ararirá, onde existe um povoado peruano.

Por causa dos assaltos aos barcos, Félix conta que os ticunas e os pescadores não navegam mais no período noturno. Nos últimos dias, segundo Félix, o grupo não vem atuando por causa da intensa fiscalização da Marinha no trajeto entre a comunidade de Cafezal e a cidade de Tabatinga. A

comunidade indígena de Cafezal tem cerca de 2 mil integrantes.

A denúncia de Félix é confirmada pelo prefeito de Tabatinga, Raimundo Nonato Batista (PTB). "De fato, pescadores e índios estão sendo assassinados nas margens dos rios", diz Batista. Mas as mortes, segundo ele, nada têm a ver com a guerrilha colombiana. O prefeito acredita que o fato pode estar relacionado ao tráfico de drogas na região, que, segundo admite, "é muito intenso".

O comerciante Carlos Marinho dos Santos, dono de uma pequena loja no Porto de Tabatinga, também confirma os ataques. "Além de matar os índios, esses homens estão assal-



Para o índio Félix, ação da Marinha intimidou grupo armado

tando outras pessoas", conta Santos. Ele, ao contrário do prefeito, suspeita que o grupo seja mesmo formado por guerrilheiros. (C.A.)

Base Anzol fiscaliza barcos no Solimões

São costumeiras as apreensões de drogas e de químicas para sua fabricação

BASE ANZOL, Amazonas - A Polícia Federal mantém às margens do Rio Solimões, em frente da comunidade indígena Palmares (a cerca de duas horas de voadeira de Tabatinga), um dos pontos mais importantes de repressão ao narcotráfico na Amazônia: a Base Anzol, que funciona dentro de uma balsa.

A base, que tem sete agentes fixos em sistema de rodízio de 30 dias, possui radar, equipamentos de comunicação e duas velozes lanchas para interceptar barcos suspeitos que navegam pela re-

gião. minuciosamente, cada barco que sobe ou desce o Solimões, área crítica do tráfico na Amazônia. "Toda semana a gente apreende drogas", conta o encarregado da base, Mário Mendes. Há uma semana, a PF apreendeu durante vistoria de um recreio (barco de passageiros e carga) um carregamento de 50 quilos de cocaína pura trazido da Colômbia.

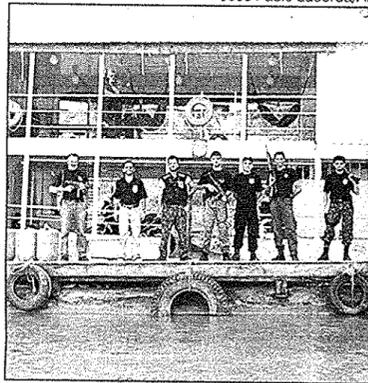
O alvo dos agentes da PF na Base Anzol, que até o início do ano funcionava numa balsa menor, são as embarcações vindas da Colômbia e Peru. Esses barcos, geralmente, cruzam a fronteira pelos Rios Marañon (Colômbia) e Putumayo (Peru) e, depois, retornam para Manaus, capital do Amazonas. Ao passarem pela base, normalmente à noite, as embarcações são rastreadas pelo radar da Polícia Federal e têm de atracar no local.

Segundo Mendes, os barcos só saem da Base Anzol após a vistoria completa da documentação dos passageiros e da carga. Além de detectar drogas, a PF fiscaliza

o envio de éter e acetona, usados na fabricação de cocaína na Colômbia.

Hoje, o Peru é o grande fornecedor de pasta-base de

José Paulo Lacerda/AE



A Base Anzol tem sete agentes fixos

MAIOR ALVO É QUEM VEM DO PERU E COLÔMBIA

cocaína e a Colômbia fornece os produtos químicos usados para produzir a droga. Além de controlar o tráfico na região, a PF ainda ajuda os índios da aldeia Pal-

mares, onde fica a Base Anzol.

Em Palmares, os índios têm água tratada e energia elétrica. Nos próximos dias, eles vão receber vacinação em massa contra diversas doenças, entre as quais a febre amarela. "Aqui os índios e policiais convivem muito bem", diz um índio da comunidade Palmares, formada por 60 famílias de ticunas.

Patrulhamento fronteiro já foi ampliado

Marinha mantém navio com armamento pesado para vigiar dia e noite a região de Tabatinga

TABATINGA, Amazonas - As Forças Armadas já ampliaram suas ações na fronteira do Brasil com a Colômbia, na Amazônia, para impedir a entrada de traficantes e guerrilheiros colombianos por causa das operações dos Estados Unidos de combate ao narcotráfico na Colômbia (Plano Colômbia), que estão prestes a ser iniciadas. A Marinha mantém hoje na região um navio-patrulha, com armamento pesado, para fiscalizar 24 horas por dia os rios da região de Tabatinga (a cerca de 1.500 quilômetros de Manaus).

A área sob intensa fiscalização fica na fronteira com a Co-

lômbia e o Peru (os dois países também deslocaram navios de guerra para o local).

Na operação, a Marinha inspeciona todos os barcos que navegam na área. O trabalho é feito com apoio de fuzileiros navais, vindos do Rio de Janeiro, que atuam fortemente armados.

Para a região de Tabatinga, por exemplo, a Marinha deslocou o navio-patrulha Amapá. Além da fiscalização dos barcos, o navio realiza exercícios de combate ao longo do Rio Solimões, está equipado com lança-foguetes, canhões de 40 milímetros, metralhadoras .50 e de 40 milímetros, fuzis automáticos leves (FAL) e conta com um grupo de fuzileiros navais. Cada canhão do Amapá tem capacidade de atingir um alvo a seis quilômetros de distância. Além do armamento pesa-

do, o navio possui duas modernas lanchas de ação rápida (LAR), que atingem 70 quilômetros por hora, equipadas com metralhadoras de 30 milímetros. As embarcações, construídas com verbas do projeto Calha Norte, são capazes de interceptar o inimigo com antecedência.

"Estamos preparados para agir em qualquer situação", explica o comandante do navio-patrulha Amapá, capitão-de-corveta Valter Citavicius Filho, que está na região desde julho.

Hoje, segundo ele, a situação atual na fronteira do Brasil com a Colômbia é tranquila. Mesmo assim, ele diz que a Marinha decidiu aumentar sua ação nos rios da Amazônia. "Ninguém sabe o que vem por aí", diz o capitão, ao admitir preocupação com os desdobramentos do Plano Co-

lômbia. Segundo ele, se houver necessidade, o número de navios pode ser ampliado.

Em Manaus, onde a Marinha tem mil homens, o Comandante Naval da Amazônia Ocidental, contra-almirante Murillo de Moraes Corrêa Barbosa, diz que a força ampliou sua atuação em toda a região e vai apoiar o Exército e a Polícia Federal durante as operações na faixa de fronteira. Atualmente, segundo ele, a Marinha - com efetivo de 3 mil homens lotados na Amazônia e 107 embarcações, entre navios e lanchas - já vem colaborando com o Exército no deslocamento de tropas de um batalhão para outro.

Por causa do Plano Colômbia, a Marinha intensificou a fiscalização nos rios Solimões, Içá e Japurá. Todos esses rios cruzam a fronteira

com a Colômbia. "Hoje, a Marinha está mais presente em pontos estratégicos da Amazônia", explica o almirante Barbosa.

A ação da Marinha na região é no sentido de controlar a navegação fluvial nos rios. Mas, segundo Barbosa, a força contribuirá com a Polícia Federal nas operações de combate ao tráfico e para impedir uma possível entrada de guerrilheiros no País. Ele lembra, ainda, que as Forças Armadas estão atuando conjuntamente para garantir a tranquilidade da população na fronteira com a Colômbia. (C.A.)

LEIA AMANHÃ

A população das cidades e vilas ao longo da fronteira do Brasil com a Colômbia vive assustada e com medo